

Editorial

Como se ensinava a ler e escrever às crianças francesas no passado? Porque os cadernos de caligrafia tiveram um uso diferente no Brasil e na Argentina entre 1880 e 1940? Como eram produzidos os catecismos e as gramáticas em língua indígena no Brasil colônia do século XVI? Essas são algumas das questões analisadas pelos artigos publicados neste número da Revista Brasileira de Educação, as quais refletem a importância que adquiriram as abordagens da nova historiografia para a discussão dos temas educacionais.

O artigo sobre a educação de surdos apresenta pontos de convergência com esses temas, ao tratar a linguagem de sinais como uma forma de bilingüismo e trazer as referências de análise do biculturalismo para a discussão da educação especial. O tema da comunicação é também abordado no texto sobre o impacto das novas tecnologias sobre o trabalho docente, o

qual precisa hoje integrar o novo “tempo tecnológico digital” aos tempos anteriores da linguagem oral e escrita.

Quase todos esses trabalhos tiveram sua versão inicial apresentada durante as últimas Reuniões Anuais da ANPED. São, portanto, estudos inéditos, alguns traduzidos, agora acessíveis ao leitor da revista.

A seção Espaço Aberto traz debates sobre temas bastante atuais: a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, comentada por Carlos Roberto Jamil Cury, que hoje integra o Conselho Nacional de Educação; a pressão exercida pelo ensino superior privado para aprovação de novas universidades discutida por alguém que participou de perto desse processo; e uma análise psicanalítica do “mal-estar pedagógico”, sempre presente na educação, mesmo quando não abertamente reconhecido.

* * *

Ela nos deixou na madrugada do dia dos professores, a autora do pioneiro *Professoras de amanhã*, a querida mestra de muitos de nós, Aparecida Joly Gouveia. Com ela despede-se também uma parte importante da história da Sociologia da Educação no Brasil, um olhar ao mesmo tempo curioso, inquisitivo e preocupado sobre a educação e a sociedade. Formadora de muitas gerações de novos pesquisadores, trazia seu rigor metodológico para a orientação dos trabalhos, sempre preservando espaço para a criatividade e a descoberta. Uma suave ironia às vezes zombava de excessivas certezas e das conclusões apressadas. Sua marca encontra-se por toda a parte, mas sem alarde, como ela gostava de ser.

Esta é a notícia triste que nos alcançou, no momento em que se fechava este número.